CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA DE FEIRA DE SANTANA
COLEGIADO DE PSICOLOGIA, FISIOTERAPIA E ENFERMAGEM

CIBELLE MARIA MATOS DE JESUS ARAÚJO
EMANUELE SANTOS PIRES
HELEN MATOS NASCIMENTO
JUCILLENE BISPO DOS SANTOS

AUTISMO EM MULHERES:
Desafios para o acesso ao diagnóstico frente às influências sofridas pelas construções normativas de gênero

Feira de Santana, BA
2024

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA DE FEIRA DE SANTANA
COLEGIADO DE PSICOLOGIA, FISIOTERAPIA E ENFERMAGEM

CIBELLE MARIA MATOS DE JESUS ARAÚJO
EMANUELE SANTOS PIRES
HELEN MATOS NASCIMENTO
JUCILLENE BISPO DOS SANTOS

AUTISMO EM MULHERES:
Desafios para o acesso ao diagnóstico frente às influências sofridas pelas construções normativas de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado dos cursos de Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia do Centro Universitário em Excelência de Feira de Santana para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof°(a) Dr(a) Amanda Ponce Morais Cerqueira.

Feira de Santana, BA
2024

AUTISMO EM MULHERES:
Desafios para o acesso ao diagnóstico frente às influências sofridas pelas construções normativas de gênero

Cibelle Maria Matos de Jesus Araújo[1]
Emanuele Santos Pires[2]
Helen Matos Nascimento[3]
Jucillene Bispo dos Santos[4]
Amanda Ponce Morais Cerqueira[5]

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento, sendo um desenvolvimento atípico, que acarreta em déficits na interação e na comunicação social. Nas mulheres, parcela populacional da pesquisa, experienciam maiores dificuldades para o acesso ao diagnóstico e assistência em saúde, já que, muitos estudos pioneiros sobre autismo focaram apenas no gênero masculino, resultando em lacunas no entendimento do TEA em mulheres. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo ressaltar a importância da assistência a essas mulheres, mediante a uma equipe multiprofissional, por meio de pesquisas de revisão da literatura para assim compreendermos as causas e efeitos da falta do diagnóstico em mulheres dentro do espectro. As pesquisas mostraram as inúmeras complexidades, desafios e particularidades que permeiam o processo diagnóstico em mulheres, pois, as dificuldades advindas do autismo impactam toda a vida do portador, bem como sua família, seu convívio em sociedade, sua rotina. Além da necessidade de uma equipe para acolhimento dessa mulher, é necessário novas políticas públicas focadas na qualificação dessa equipe multidisciplinar, para realização do diagnóstico e acompanhamento terapêutico da mulher com autismo, trazendo assim benefícios e tornando viável a distribuição de informações reais sobre, facilitando o acesso ao diagnóstico e reduzindo os casos de adoecimento psíquico ocasionado pelo sentimento de inadequação e sobrecarga que podem surgir com a falta de assistência qualificada.

Palavras chave: Autismo. Mulheres. Diagnóstico.

AUTISM IN WOMEN:
Challenges for access to diagnosis in the face of influences suffered by normative gender constructions

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (TEA) is a neurodevelopmental disorder, being an atypical development, which leads to deficits in interaction and social communication.

Women, the portion of the research population, experience greater difficulties in accessing diagnosis and health care, as many pioneering studies on autism focused only on males, resulting in gaps in the understanding of ASD in women. Therefore, the present study aims to highlight the importance of assistance to these women, through a multidisciplinary team, through literature review research to understand the causes and effects of the lack of diagnosis in women within the spectrum. Research has shown the countless complexities, challenges and particularities that permeate the diagnostic process in women, as the difficulties arising from autism impact the sufferer's entire life, as well as their family, their life in society, their routine. In addition to the need for a team to welcome this woman, there is a need for new public policies focused on the qualification of this multidisciplinary team, to carry out the diagnosis and therapeutic follow-up of women with autism, thus bringing benefits and making the distribution of real information about, facilitating the access to diagnosis and reducing cases of psychological illness caused by the feeling of inadequacy and overload that can arise with the lack of qualified assistance.

Keywords: Autism. Women. Diagnosis.

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro autista é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por prejuízo persistente na comunicação social recíproca, na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

De acordo com um dado divulgado pela revista Folha de São Paulo (Nublat, 2023), existe uma proporção de 4x1 entre os gêneros, ou seja, a cada 5 pessoas com autismo 4 são do gênero masculino. A matéria levanta a hipótese desse dado estar defasado sob a justificativa de que meninas podem não estar sendo diagnosticadas precocemente, por conta das diferentes formas de manifestação dos principais sintomas e sinais, que podem ter uma ligação direta com o gênero.

Historicamente, pessoas com um funcionamento neurodiverso são submetidas a uma negligência por parte do estado, sistemas de saúde, educação e pela sociedade como um todo. De acordo com Costa e Fernandes (2018), as pessoas com deficiência e/ou que não se encaixam no padrão de normalidade, em tempos passados eram submetidas a atos perversos e cruéis reconhecidos como formas de intervenções, hoje a realidade é diferente porém, ainda são expostas a

diversas formas de exclusão. Com os avanços em pesquisas científicas, pessoas dentro do espectro autista começam a ganhar um pouco mais de visibilidade, existe uma atenção maior voltada para os modelos de intervenção precoce, porém essa visibilidade dá maior destaque ao público infantil, deixando a margem a população autista adulta. Além disso, as mulheres autistas são uma parte dessa população, que experienciam maiores dificuldades para o acesso ao diagnóstico e assistência em saúde.

Segundo Miranda (2023), o autismo é historicamente retratado como um transtorno masculino, observa que existe uma inclinação de gênero perceptível nas justificativas para essa afirmativa, desde as ferramentas de avaliação até as pesquisas científicas sobre a temática. Aponta ainda que, muitos dos estudos pioneiros sobre autismo focaram apenas no gênero masculino, resultando em lacunas no entendimento do TEA em mulheres. Por tanto é urgente a necessidade de pesquisas científicas e instrumentos de avaliação que considerem os fatores relacionados ao gênero que sejam capazes de estudar e compreender as formas de manifestações do autismo em mulheres.

Outro fator que contribui para o subdiagnóstico em mulheres é o masking, que significa mascarar ou camuflar os sintomas e comportamentos autísticos. Estudos apontam que O mulheres autistas têm uma tendência maior que homens autistas a desenvolver o masking, segundo Vasconcelos (2022), mulheres dentro do espectro autista são mais propensas a compreender a necessidade de interações sociais, por isso existe um esforço maior para socializar aliado a uma capacidade de copiar pessoas em seus modos de expressão e até nas suas personalidades, as habilidades aprendidas por meio da imitação acabam por camuflar os traços autísticos dessas mulheres.

Camuflar os traços autísticos pode acarretar em um grande gasto de energia psíquica, pois dentro do funcionamento neurodivergente existem diversas questões no processamento sensorial que podem tornar o mascaramento dos sintomas exaustivo para a pessoa com autismo. De acordo com Silva (2014), o processamento sensorial da pessoa dentro do espectro possui tanta influência na forma como seus comportamentos são manifestados que o mesmo foi incluído no DSM-5 como um dos critérios diagnósticos para o Transtorno do Espectro Autista.

Silva (2014) afirma ainda que pessoas com TEA percepcionam os estímulos ambientais de forma diferenciada podendo ter, entre as 7 vias de

processamento sensorial, uma hipersensibilidade e/ou hiposensibilidade, o que pode influenciar diretamente ou indiretamente nos comportamentos repetitivos e estereotipados, presentes no TEA. Em contraste, Grandin e Panek (2015), trazem que as questões com o processamento sensorial para a pessoa autista podem ser debilitantes em alguns casos - dificultando a realização de atividades comuns da vida diária - ou moderadamente em outros casos.

Considerando as diferenças ligadas diretamente ao gênero, que podem ter uma influência cultural e os níveis de suporte do TEA pressupõe-se que mulheres autistas de níveis de suporte 1 e 2 podem está mais sujeitas a se passarem por pessoas típicas e mascarar os comportamentos autísticos para se encaixarem nos parâmetros entendidos socialmente como de normalidade. Oliveira e Maia (2023) afirmam que a camuflagem de características e comportamentos autísticas pode ser um dos fatores de risco para a depressão, ansiedade e até mesmo o suicidio, a realização do masking pode ter suas vantagens no ponto de vista social, visto que pode facilitar a inclusão do indivíduo socialmente, porém gera um adoecimento psíquico, fortalece o sentimento de inadequação em mulheres com TEA e dificulta o seu diagnóstico precoce.

Outrossim, pessoas dentro do espectro autista enfrentam diversos problemas para o acesso ao diagnóstico precoce e intervenção multidisciplinar, mulheres autistas acabam tendo essas dificuldades potencializadas por conta dos aspectos atrelados ao preconceito de gênero, estéticos e o próprio masking. Segundo Pereira *et al* (2021), o Sistema Único de Saúde (SUS) apresenta assistência terapêutica nos períodos de gestação, puerpério e infância da criança, porém possui fragilidades em promover a assistência multidisciplinar necessária para diagnosticar e acompanhar a pessoa com TEA durante sua vida.

O acesso ao diagnóstico precoce e a intervenção multidisciplinar são fatores essenciais para o desenvolvimento de uma pessoa com TEA, segundo o Ministério da saúde (Brasil, 2015) a abordagem integral e humanizada dentro das Redes de Atenção à Saúde (RAS), combate a fragmentação e exclusão de muitas pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Podemos analisar o conceito de integralidade no âmbito do RAS, duas dimensões se tornam centrais: a compreensão do indivíduo como um ser biopsicossocial e a organização de uma rede de cuidado capaz de atender as demandas de forma abrangente. Com, essa visão pode contrapor à fragmentação e

exclusão dos serviços. Essa fragmentação se manifesta através da falta de profissionais especializados: Principalmente em regiões menos favorecidas. A dificuldade no acesso à avaliação: As famílias enfrentam filas longas de espera e burocracias para conseguir uma avaliação e os altos custos de terapia fazem com que muitas famílias sejam excluídas de atendimentos especializados.

É notório esses desafios, por isso torna-se necessário a implementação da abordagem integral e humanizada nas RAS, para o atendimento das pessoas com o espectro autista, capacitando profissionais , ampliando o acesso universal a serviços de diagnóstico , avaliação e tratamento multidisciplinar, Implementando políticas públicas que assegurem esse direito das pessoas com TEA, adotando uma visão integrada pode ser construídas redes de atenção à saúde que atendam as necessidades dessas pessoas e promovendo inclusão, desenvolvimento e respeito a sua individualidade.

Os profissionais conseguem, de formas terapêuticas físicas e psicológicas, atuar na prevenção e melhoria nas situações patológicas. Esse trabalho acontece por avaliações diagnósticas, prescrição de condutas e procedimentos que auxiliem na adequação de movimentos, destravamento do cognitivo, reduzir e estimular a integração social, que devido ao diagnóstico tardio é diretamente afetado. Logo, visualiza-se o papel fundamental da equipe multiprofissional na atuação do tratamento e intervenção nesses casos, fazendo com que as pacientes tenham uma melhor qualidade de vida, profissional e pessoal.

Dessa maneira, esse trabalho visa avaliar a partir de uma revisão da literatura como os fatores de preconceito de gênero podem contribuir para o subdiagnóstico em mulheres com TEA e quais as consequências da falta de diagnóstico na saúde mental e desenvolvimento global de meninas e mulheres com autismo, bem como evidenciar a necessidade da criação de novas políticas públicas direcionada ao diagnóstico e assistência a mulheres com Autismo.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura que procurou percepções e entendimentos sobre o subdiagnóstico de

mulheres autistas, buscando compreender a relação entre a constante falta de diagnóstico e assistência à mulher autista com as influências negativas das questões relacionadas ao gênero.

O trabalho é uma pesquisa explicativa realizada a partir de comparações de estudos presentes na literatura científica, para compreender as causas e efeitos da falta de diagnóstico para mulheres dentro do espectro. Foi realizado um levantamento de estudos científicos nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo e Lilacs utilizando descritores: autismo, autismo em mulheres, atenção primária, questões de gênero e masking, combinando autismo em mulheres AND masking, autismo em mulheres AND questões de gênero e autismo AND atenção primária.

Para reunir as informações desejadas foi estipulado um prazo máximo de 10 anos, sendo os trabalhos científicos dos anos de 2014 a 2023. Os critérios de inclusão adotados para melhor seleção de materiais foram: artigos, teses e pesquisas científicas em plataformas digitais dentro do período temporal desejado, nos idiomas portugues e inglês. Como critérios de exclusão, não foram aceitos trabalhos científicos que não estivessem incluídos dentro dos idiomas e períodos cronológicos descritos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas eletrônicas identificaram um total de 34 artigos. Após a remoção das duplicatas, avaliação de título e resumos restou apenas 9 artigos, estes que preencheram os critérios de elegibilidade foram incluídos na revisão. (Quadro 1).

Quadro 1 – Distribuição da produção científica acerca do Autismo em Mulheres: Desafios para o acesso ao diagnóstico frente às influências sofridas pelas construções normativas de gênero, Feira de Santana BA, 2024

Autor(es)/Ano	Tipo de Estudo	Objetivos	Principais Resultados	Conclusões
Romeu e Rossit (2022)	Pesquisa integrativa	Teve como objetivo analisar as publicações com foco na colaboração interprofissional no atendimento a crianças com Transtorno do	Crianças e famílias dentro da condição do TEA podem ser afetadas por não terem as necessidades educacionais e de saúde atendidas, pela dificuldade na	Conclui-se que número crescente de crianças diagnosticadas com TEA requer conscientização bem como a implementação de uma abordagem interprofissional na entrega de serviços

		Espectro do Autismo.	comunicação e na confidencialidade, restrições de tempo e de qualificação de educadores para reconhecer as demandas de intervenção, bem como receber atendimentos, atraso em encaminhamentos e a falta de cuidados centrados na pessoa e na família	que efetivamente promovam cuidados de saúde e resultados educacionais eficientes para a criança com TEA.
Santos, et al (2021)	Revisão de literatura	Os autores nesse estudo tinham por objetivo evidenciar as dificuldades enfrentadas pelos portadores de autismo e realçar a importância da fisioterapia neurofuncional na vida do paciente com TEA.	Os achados dos pesquisadores mostram que a fisioterapia na vida dos portadores de TEA trás uma melhor convivência em sociedade e contribui para o aperfeiçoamento das atividades motoras.	É preciso que ocorra intervenção de uma equipe multidisciplinar na vida dos portadores de TEA, para promover uma melhor qualidade de vida.
Rocha e Bogea (2023)	Revisão narrativa de literatura	Compreender o papel da fisioterapia e o seu impacto na qualidade de vida.	Pela diversidade em atividades, nota-se melhoria das habilidades funcionais e sociais.	A abordagem personalizada da fisioterapia nos pacientes portadores de TEA tem papel crucial para melhorar a qualidade de vida.
Fraizer (2014)	Revisão de literatura	Examinar as diferenças no funcionamento cognitivo entre homens e mulheres.	No presente artigo destaca que instrumentos de diagnóstico capturaram o autismo de forma semelhante em	Faz-se necessário examinar a diferença nos sintomas comportamentais entre homens e mulheres com TEA.

			homens e mulheres.	
Oliveira e Lucena (2023)	Estudo de caso	Analisar como mulheres autistas compartilham suas experiências no instagram, usando a pespectivas das representações	As mulheres autistas constroem e compartilham representações sociais de suas experiências no espectro autista através da plataforma Instagram.	Destaca-se a importância da autoidentificação e do apoio da comunidade, o estudo pode contribuir para empoderar mulheres autistas a buscarem o diagnóstico
Traipe *et al,* (2023)	Estudo de caso	Revisar as dificuldades e particularidades no processo de diagnóstico do TEA em mulheres.	Estudar sobre o TEA em mulheres para facilitar o processo de diagnóstico e intervenção precoce a esse público.	Em muitos aspectos as mulheres têm sido invisibilizadas no que diz respeito ao TEA.
Brunetto e Vargas, (2023)	Revisão de literatura	Questionar sobre os prejuízos da precariedade de artigos e estudos envolvendo meninas e mulheres com autismo	Foi possível perceber lacunas que ainda precisam ser preenchidas e a potência desta perspectiva em provocar questionamento s.	É preciso haver uma desconstrução da ideia do Autismo enquanto um transtorno masculino, uma vez que gera invisibilidade e dificulta o diagnóstico de meninas e mulheres com autismo
Pereira e Souto (2019)	Entrevistas/ Estudos de Caso	Compreender como a cor utilizada para a representação do autismo pelo mundo e principalmente dentro da comunidade científica	Os sintomas e variações típicas definidas pelos critérios diagnósticos são encontrados basicamente em homens e a representação da cor azul reforça ainda mais a ideia de que o autismo é um transtorno masculino	É de suma importância a necessidade da divulgação de informações com base científica que desmistifiquem a ideia do autismo como algo masculino e que precisa ser curado

Fonte - Autoras, 2024.

O subdiagnóstico de mulheres autistas é um problema complexo que tem raízes nas normas sociais de gênero. As pressões para se adequar a um padrão de

comportamento “normal” levam as mulheres autistas a realizar o *masking,* que é o ato de camuflar os sinais e sintomas do TEA, dificultando o diagnóstico. O estudo de Fraizer (2014), com base na amostra de 2.418 indivíduos com autismo , existe uma prevalência masculina no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora reforce a discordância na prevalência do TEA entre os sexos, vieses no diagnóstico podem levar à subestimação do TEA em mulheres, que tendem apresentar sintomas mais sutil e internalizado. Além disso, as expressões fenotípicas do TEA podem ser influenciadas por expectativas e normas sociais de gênero, dificultando o reconhecimento do transtorno em mulheres.

Segundo Oliveira e Lucena (2023), o discurso da existência de um ‘padrão de normalidade’, presente nas experiências narradas pelas mulheres autistas no instagram, revela como as normativas de gênero influenciam o subdiagnóstico desse grupo. A busca de se encaixar nesses padrões muitas vezes incompatíveis com a suas características neurodivergentes, levam as mulheres autistas a internalizar cobranças e mascarar seus sintomas, dificultando o reconhecimento do autismo por parte delas mesmas e dos profissionais de saúde.

Assim como, Traipe (2023), mostra as complexibilidades, desafios e particularidades que permeiam o processo diagnóstico do TEA em mulheres. As dificuldades de identificação, decorrentes de fatores como a camuflagem social (*masking*), critérios diagnósticos masculinos e comorbidades frequentes que evidenciam a necessidade de aprimorar as ferramentas e protocolos usados para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres. A compreensão do transtorno no gênero feminino é crucial para garantir um diagnóstico precoce e preciso, abrindo caminhos para o acesso ao suporte e serviços adequados, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva para todas.

Brunneto e Vargas (2023), afirmam em sua revisão de literatura que existe uma exclusão sistemática de mulheres em pesquisas sobre autismo, além de destacar o fato de que os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista são limitados pelas observações feitas em meninos. Isso pode influenciar a visão clínica da equipe multidisciplinar a enxergar apenas o autismo masculino, o que contribui para que mulheres e meninas com autismo convivam sem diagnóstico ou com diagnósticos equivocados, consequentemente sem adaptações e suporte necessário para o desenvolvimento de autonomia e habilidades importantes para os desafios da vida.

Outro ponto encontrado como contribuição para invisibilidade do autismo em mulheres é a representação visual e midiática do autismo com a cor azul - atribuída pelo senso comum a homens e meninos - utilizar a cor azul como a “cor do autismo” cria no imaginário social a ideia de um transtorno ligado ao homem cisgenero. Perreira e Souto (2019), destacam em sua pesquisa realizada com algumas mulheres autistas, a existência de um consenso entre as entrevistadas sobre a necessidade da divulgação de informações reais que desmistifiquem a ideia do TEA como um transtorno masculino que precisa ser curado, além de comentar sobre a influência da cor azul sobre as percepções tidas dos símbolos e produtos ligados ao autismo, contribuindo indiretamente para que o autismo seja visto como um transtorno masculino.

Bogea e Rocha (2023), afirmam e consolidam por meio de revisão da literatura que pessoas que apresentam TEA como diagnóstico encontram desafios pessoais e sociais, pois, as dificuldades advindas do autismo impactam toda a vida do portador, bem como sua família, seu convívio em sociedade, sua rotina. O crescente número de descobertas e reconhecimentos do TEA fez com que a busca por abordagens terapêuticas, para uma melhora na qualidade de vida, aumentasse, já que, esse transtorno implica em severas dificuldades para a interação social por tanto, a falta dessa assistência pode acarretar em danos na saúde e qualidade de vida da mulher com autismo, considerando que as mesmas sofrem pela falta de diagnóstico e assistência.

Romeu (2022), afirma que uma equipe sem a preparação adequada para receber, diagnosticar, e acompanhar o espectro autista pode dificultar o bom desenvolvimento do atendimento, levando a consequências a família e paciente, confirmando-se mais uma vez a necessidade de uma equipe bem estruturada, o artigo também afirma que diante do aumento de diagnósticos do TEA, a visão precisa ser ampliada para que possa atender de forma adequada toda a demanda, considerando que conforme a pessoa com TEA cresce os seus desafios tendem a aumentar por conta das demandas maiores que surgem com as fases da adolescência e fase adulta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados aqui apresentados, conclui-se que existe uma intersecção entre o subdiagnóstico de Mulheres com autismo e os fatores ligados às construções normativas de gênero, levando em conta que o conceito de gênero está ligado a uma construção social e consequentemente interferem nas formas de manifestações do Transtorno do Espectro Autistas em Mulheres e homens, dificultando o acesso ao diagnóstico para meninas e mulheres com TEA.

Além disso, urge a necessidade de novas políticas públicas focadas na qualificação da equipe multidisciplinar para realização do diagnóstico e acompanhamento terapêutico da Mulher com Autismo, trazendo assim benefícios e tornando viável a distribuição de informações reais sobre a população autista e mais especificamente às mulheres com autismo, facilitando o acesso ao diagnóstico e reduzindo os casos de adoecimento psíquico ocasionado pelo sentimento de inadequação e sobrecarga que podem surgir com a falta de assistência qualificada.

No decorrer da pesquisa, foram encontrados desafios quanto ao levantamento de dados atualizados sobre a temática, sendo a maioria dos dados da literatura voltados para o diagnóstico de autismo na infância, ressalta-se a importância de considerar que a criança com autismo irá crescer e passar pelos desafios das outras fases do desenvolvimento, além de enfatizar que por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento, não comprovações científicas quanto a cura do autismo, ou seja, irá perdurar por toda a vida e os sintomas e características podem ser intensificados com os desafios do ambiente em que o indivíduo está inserido.

Diante dos achados aqui apresentados, chegou-se à conclusão de que os objetivos iniciais da pesquisa foram sanados, visto que evidenciou-se a necessidade da discussão da temática na comunidade científica, além de apurar os desafios encontrados pela população de mulheres autistas desde o acesso ao diagnóstico à assistência continuada no decorrer da vida.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. 2013. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, 5th Edition.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Linha de Cuidado para atenção às pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde.** 1° edição. Brasília – DF. 2015.

BRUNETTO, Dayana; VARGAS, Gesiele. **Meninas e mulheres autistas:** completar o espectro é uma questão de gênero. 2023. Disponível em: https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/15682. Acesso em: 20 abr. 2024.

COSTA, Marli M. M. FERNANDES, Paula V. **Autismo, cidadania e políticas públicas: As contadições entre igualdade formal e igualdade material**. Revista do Direito Público. 2018. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/direitopub/article/view/30152. Acesso em: 26 set. 2023.

FRAIZER, Thomas, W. *et al.* **Behavioral and cognitive characteristics of females and males with autism in the Simons Simplex Collection.** 2014. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24565360/. Acesso em: 20 abr. 2024.

GRANDIN, T. PANEK, R. **O Cérebro Autista.** 1° edição. Rio de Janeiro; editora Record.2015.

Há mais meninos autistas que meninas?. Folha de São Paulo, São Paulo, julho, 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/blogs/vidas-atipicas/2023/07/ha-mais-meninos-autistas-que-meninas.shtml?origin=folha. Acesso em: 02 jun.2024.

MIRANDA, Vitória P. **Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas.** 2023. Disponível em: file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/ComoEstere%C3%B3tiposG%C3%AAnero.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.

OLIVEIRA, Ivana C. G. LUCENA, Luna C. **O transtorno de espectro autista e as experiências narrativas de mulheres no Instagram.** 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/9n3KgWgg9d4J6WFZMZkdZGJ/. Acesso em: 20 abr. 2024.

OLIVEIRA, Larissa G. MAIA, Juliana L. F. **Depressão e suicídio em adultos com o Transtorno do Espectro Autista**: Uma revisão sistemática. 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/37265. Acesso em: 26 set. 2023.

PEREIRA, Anne. K. SOUTO, Virginia. **A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres**. 2019. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=A+cor+do+autismo+e+sua+relev%C3%A2ncia+na+representa%C3%A7%C3%A3o+simb%C3%B3lica+de+mulheres.+&btnG=. Acesso em: 20 abr. 2024.

PEREIRA, P. L. S. *et al*. **Importância da implantação de questionários para rastreamento e diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista (TEA) na atenção primária.** Brazilian Journal of Health Review. 2021. Acesso em: 26 set. 2023.

ROCHA, Janaina. BOGEA, Brenda. **Atuação da Fisioterapia no Acompanhamento do Transtorno do Espectro Autista:** Uma Revisão Integrativa. 2023. Disponível em: https://revistaft.com.br/atuacao-da-fisioterapia-no-acompanhamento-do-transtorno-do-espectro-autista-uma-revisao-integrativa/. Acesso em: 20 abr. 2024.

ROMEU, Clariana A. ROSSIT, Rosana A. S. **Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo.** 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/MC468jkW5w8wtQwbxz3RPMH/. Acesso em: 20 abr.2024.

SANTOS, Mariana C. *et al.* **Intervenção Fisioterapêutica no Transtorno do Espectro Autista (TEA):** Revisão Integrativa. 2023. Disponível em: file:///C:/Users/jucil/Downloads/TCC%20-%20AUTISMO-%20MARI,%20RITA%20E%20WESLEY-%20Conferido%20(1).pdf Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, E. **Processamento Sensorial:** Uma Nova Dimensão a Incluir na Avaliação das Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Especial Área de Especialização em Intervenção Precoce, p. 37. 2014.

TRAIPE, Dra. Valentina C. *et al.* **Trastorno del espectro autista en mujeres:** A propósito de un caso clínico. 2023. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1433739. Acesso em: 20 abr. 2024

VASCONCELOS, Vitoria C. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências.** 2022. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15923. Acesso em: 26 set. 2023.